

FHC dará prioridade à justiça social

Em seu primeiro discurso à Nação, diante do Congresso Nacional que compareceu em peso à cerimônia de posse, o presidente Fernando Henrique Cardoso prometeu combater os privilégios para promover a justiça social.

“Se for preciso acabar com privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros, que ninguém duvide: eu estarei do lado da maioria”, disse.

Cardoso prometeu também fazer uma faxina completa na administração pública para torná-la eficiente e garantiu que a justiça so-

cial será seu o objetivo número um.

“Vai ser preciso mexer em muitos vespeiros para completar a faxina e fazer as reformas estruturais necessárias para dar eficiência ao serviço público”, disse.

O presidente convocou o Congresso a mudar o Brasil e ressaltou que “o clientelismo, o corporativismo e a corrupção sugam o dinheiro do contribuinte”, prejudicando a população.

Saúde — O presidente dedicou grande parte de seu discurso para reforçar suas propostas de governo, como a geração de empregos,

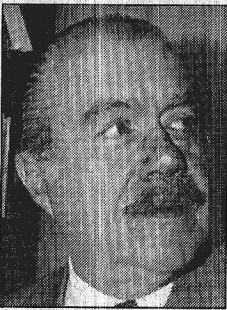
dando destaque especial à reforma do sistema de saúde. Para Fernando Henrique, a administração federal está “muito deteriorada.”

Os elogios e agradecimentos dirigidos ao presidente Itamar Franco arrancaram os primeiros aplausos a seu discurso.

Segundo ele, “a revolução social e de mentalidades” que ele pretende promover só poderá ocorrer “com o concurso da sociedade.”

Ao propor um grande mutirão nacional - recebendo mais aplausos - Fernando Henrique sustentou ser necessário unir o governo e a comunidade para “varrer do mapa do Brasil a fome e a miséria”.

REPERCUSSÃO



“O presidente reafirmou tudo que prometeu na campanha”.

José Sarney, senador PMDP-AP

“Foi o Fernando da resistência democrática”

Sérgio Arouca, deputado PPS-RJ

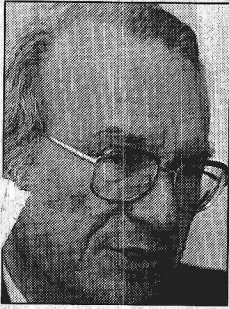


“Estamos diante de um grande estadista, não tenho dúvidas”.

Marta Suplicy, deputada PT-SP

“Bom, é o que achei do discurso. Aliás, foi muito bom”.

Luiz Eduardo Magalhães, deputado PFL-BA



“A repetição sobre o tema da justiça nos enche de esperança”.

D Luciano Mendes, presidente da CNBB

“O presidente está empenhado em achar soluções para o país”.

Reinhold Stephanes, ministro da Previdência Social

PRINCIPAIS TRECHOS DO DISCURSO

Os trabalhadores brasileiros souberam enfrentar as agruras do arbitrio e da recessão e os desafios das novas tecnologias.

Reorganizaram seus sindicatos para serem capazes, como hoje são, de reivindicar seus direitos e sua parte no bolo do crescimento econômico. Chegou o tempo de crescer e florescer. Mais importante: hoje nós sabemos o que o governo tem que fazer para sustentar o crescimento da economia.

E vamos fazer. Aliás, já estamos fazendo. Quando muitos duvidavam se seríamos capazes de colocar nossa própria casa em ordem, nós começamos a arrumá-la nestes dois anos. Sem ceder um milímetro da nossa liberdade, sem quebrar contratos nem lesar direitos, acabamos com a superinflação.

Devemos isso, não só aos que re fizeram os rumos da economia, mas também ao presidente Itamar Franco, que granjeou o respeito dos brasileiros por sua simplicidade e honestidade.

No momento em que deixa o governo cercado da estima que fez por merecer, agradeço em nome da nação a Itamar Franco pelas oportunidades que nos proporcionou. Ao escolher a mim para sucedê-lo, a maioria absoluta dos brasileiros fez uma opção clara pela continuidade do Plano Real, e pelas reformas es-

pela ignorância, pela violência. Isto não pode continuar!

Tal como o abolicionismo, o movimento por reformas que eu represento não é contra ninguém. Não quer dividir a nação. Quer uni-la em torno da perspectiva de um amanhã melhor para todos.

Mas, ao contrário de Nabuco, eu tenho bem presente que o meu mandato veio do voto livre dos meus concidadãos. Da maioria deles, independentemente da sua condição social.

Mas veio também, e em grande número, dos excluídos; dos brasileiros mais humildes que pagavam a conta da inflação, sem ter como se defender; dos que são humilhados nas filas dos hospitais e da previdência; dos que ganham pouco pelo muito que dão ao país nas fábricas, nos campos, nas lojas, nos escritórios, nas ruas e estradas, nos hospitais, nas escolas, nos canteiros de obras; dos que clamam por justiça porque têm, sim, consciência e disposição para lutar por seus direitos — a eles eu devo em grande parte minha eleição.

Vou governar para todos. Mas, se for preciso acabar com privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros, que ninguém duvide: eu estarei do lado da maioria. (...)

Sabendo que a maioria dos brasi-



FHC vai combater o clientelismo e a corrupção dentro do governo: “Vai ser preciso mexer em muitos vespeiros”

truturais necessárias para afastar de uma vez por todas o fantasma da inflação.

A isto eu me dedicarei com toda a energia, como presidente, contando com o apoio do Congresso, dos estados e de todas as forças vivas da nação.

Temos de volta a liberdade, portanto. E teremos desenvolvimento. Falta a justiça social. É este o grande desafio do Brasil neste final de século. Será este o objetivo número um do meu governo.

Joaquim Nabuco, o grande propagandista do abolicionismo, pensava em si mesmo e em seus companheiros como titulares de um “mandato da raça negra”.

Mandato que não era dado pelos escravos, pois eles não teriam meios de reclamar seus direitos. Mas que os abolicionistas assumiam mesmo assim, por sentir no coração o horror da escravidão, e por entender que os grilhões dela mantinham o país inteiro preso ao atraso econômico, social e político.

Também nós nos horrorizamos vendo compatriotas nossos — e ainda que não fossem brasileiros — vendo seres humanos ao nosso lado subjugados pela fome, pela doença,

leiros não espera milagres, mas há de cobrar resultados a cada dia do governo. (...)

Como comandante-em-chefe das nossas Forças Armadas, estarei atento às suas necessidades de modernização, para que atinjam níveis de operacionalidade condizentes com a estatura estratégica e com os compromissos internacionais do Brasil. (...)

Mudanças bruscas, desligadas de uma visão de longo prazo, podem satisfazer interesses conjunturais, mas não constroem o perfil de um Estado responsável.

Não devemos, contudo, ter receio de inovar quando os nossos interesses e valores assim indicarem. (...)

É tempo, portanto, de atualizar nosso discurso e nossa ação externa, levando em conta as mudanças no sistema internacional e o novo consenso interno em relação aos nossos objetivos.

É tempo de debater às claras qual deve ser o perfil do Brasil, como nação soberana, neste mundo em transformação, envolvendo no debate a Chancelaria, o Congresso, a universidade, os sindicatos, as empresas, as organizações não-governamentais.

Vamos aposentar os velhos dilemas ideológicos e as velhas formas de confrontação, e enfrentar os temas que movem a cooperação e o conflito entre os países nos dias de hoje.

Direitos humanos e democracia; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; as tarefas ampliadas do multilateralismo e os desafios da regionalização, a dinamização do comércio internacional e a superação das formas de protecionismo e unilateralismo. Outros temas centrais são o acesso à tecnologia, os esforços de não-proliferação e o combate às formas de criminalidade internacional.

Vamos valorizar ao máximo a condição universal da nossa presença, tanto política como econômica. (...)

Eu acredito que o Brasil tem um lugar reservado entre os países bem-sucedidos do planeta no próximo século.

E estou convencido que os únicos obstáculos importantes que nós enfrentaremos para ocupar esse lugar vêm do nossos desequilíbrios internos — das desigualdades extremas entre regiões e grupos sociais.

Sabemos que o desenvolvimento de um país, no mundo de hoje, não se mede pela quantidade das coisas que produz. O verdadeiro grau de desenvolvimento se mede pela qualidade da atenção que um país dá à

meio social, a participação do aluno e do professor e uma boa administração se somam para formar cidadãos.

Para dar o salto que se impõe no limiar do novo milênio, não podemos mais conviver com o analfabetismo e o semi-analfabetismo em massa. É uma pobre ilusão achar que o mero consumo de quinquilharias vai nos fazer “modernos”, se nossas crianças continuarem passando pela escola sem absorver o mínimo indispensável de conhecimento para viver no ritmo da modernidade.

Chega de construir escolas faraônicas, e depois enchê-las de professores mal pagos e mal preparados, junto com estudantes desmotivados e sem condições materiais e psicológicas para terem um bom aproveitamento. (...)

A administração federal está muito deteriorada depois de anos seguidos de desmandos e arrocho financeiro. O clientelismo, o corporativismo e a corrupção sugam o dinheiro do contribuinte antes que chegue aos que deveriam ser os beneficiários legítimos das ações do governo, principalmente na área social.

As CPIs do Congresso e as providências enérgicas tomadas pelo governo do presidente Itamar Franco começaram a limpeza desses parasitas nos últimos dois anos.

Vai ser preciso mexer em muitos vespeiros para completar a faxina e fazer as reformas estruturais necessárias para dar eficiência ao serviço público.

Isto não me assusta. Sei que terei o apoio da maioria da nação. Inclusive dos muitos funcionários que têm amor ao serviço público. (...)

Esta verdadeira revolução social e de mentalidade só irá acontecer com o concurso da sociedade.

O governo tem um papel fundamental, e eu cuidarei para que cumpra esse papel.

Mas, sem que o Congresso aprove as mudanças na Constituição e nas leis — algumas das quais apontei em meu discurso de despedida do Senado — e sem que a opinião pública se mobilize, as boas intenções morrem nos discursos.

Precisamos costurar novas formas de participação da sociedade no processo das mudanças. (...)

O sentimento que move esse apoio de todos ao país tem um nome: solidariedade.

É ela que nos faz sair do círculo pequeno dos nossos interesses particulares para ajudar nosso vizinho, nosso colega, nosso compatriota próximo ou distante. Nós, brasileiros, somos um povo solidário.

Vamos fazer desse sentimento a mola de um grande mutirão nacional, unindo o governo e a comunidade, para varrer do mapa do Brasil a fome e a miséria.

Vamos assegurar uma vida decente às nossas crianças, tirando-as do abandono das ruas e, sobretudo, pondo um parapeito nos vergonhosos massacres de crianças e jovens. Vamos assegurar com energia direitos iguais aos iguais.

As mulheres, que são a maioria do nosso povo e às quais o país deve respeito e oportunidade de educação e de trabalho. As minorias raciais e algumas quase maiorias — aos negros, principalmente — que esperam que igualdade seja, mais do que uma palavra, o retrato de uma realidade. (...)

Ao encerrar este discurso, quero deixar uma palavra comovida de agradecimento. Ao povo do meu país que, generoso e determinado, elegeu-me já no primeiro turno.

A tantos que me acompanham nas lutas políticas. A minha família, que soube compreender os desafios da história. Ao Congresso a quem pertencei até hoje, e que nesta cerimônia, com a proclamação da Justiça Eleitoral, me empossa como presidente da República.

Aos chefes de Estado e às delegações estrangeiras de países amigos que vieram prestigiar este ato.

Aos nossos convidados. A todos os cidadãos e cidadãs deste nosso Brasil, aos quais peço, mais uma vez, muita fé, muita esperança, muita confiança, muito amor, muito trabalho.

Eu os convoco para mudar o Brasil.

Muito obrigado.

